



João Louro  
*Ni le soleil ni la mort*

Curadoria de Nuno Faria

Pavilhão Branco  
2019

## Destruir a Linguagem, Fazer Explodir a Imagem

*Escavamos um túmulo no ar  
para não se estar lá apertado  
— Paul Celan*

A exposição *Ni le soleil ni la mort* [“Nem o sol nem a morte”, em francês] é a apresentação inaugural de um longo processo de investigação sobre a primeira das grandes guerras mundiais, momento definidor da esquizofrenia destrutiva que se parece ter constituído desde então como um dos princípios fundadores do mundo contemporâneo.

Este projecto, que João Louro vem lenta e meticulosamente construindo nos últimos anos, marca uma transformação no próprio processo criativo do artista, distinguindo-se daquela que reconhecemos como a sua marca autoral. Recuando ao momento histórico em que coincidem, como duas faces ou versões de uma mesma história, a emergência da Primeira Guerra Mundial e do projecto vanguardista, o artista procura o cordão umbilical da nossa herança cultural.

Quando, no dia 5 de fevereiro de 1916, o *Cabaret Voltaire* foi fundado por um conjunto de artistas, poetas, performers e activistas políticos, que se reuniram sob a estranha palavra-aliteração de ressonância infantil e primitiva, DADA, iniciava-se aí uma das aventuras artístico-políticas mais radicais, cuja acção viria, como sabemos, a transfigurar o exercício artístico tal como o conhecíamos.

De facto, DADA perdura nas nossas cabeças como um daqueles corpos que, vencendo a inércia, nunca param de balouçar. Tal como os surrealistas, seus herdeiros directos, os dadaístas trabalharam mais sobre os sortilégios da linguagem do que sobre as variações formais ou de estilo — a ética sobre a estética.

Um dos traços mais distintivos da semântica de DADA foi a forma como destruiu a linguagem convencional — a mesma que provocou as dissensões que conduziram à insanidade da guerra — através de uma colagem de fragmentos, vocábulos, sons e motivos oriundos de diferentes lugares que resulta numa espécie de sincretismo primitivo e original.

Libertar as pulsões do inconsciente para recuperar a inocência da infância e a origem primitiva pré-linguística do homem, era uma das formas possíveis de neutralizar a devastação do projecto humanista nascido na Grécia Antiga e que nos campos lamacentos e entrincheirados via, sob infigurável mortandade e desolação, o começo do seu fim. E hoje, num mundo cujo destino anunciado nos faz olhar para os momentos em que a insanidade colectiva conduziu a humanidade ao abismo, os artistas parecem ter redescoberto a energia, as forças e a potência criativa transfiguradora e regeneradora dos seus antepassados dadaístas.

A guerra é um tema estranho e excêntrico à arte contemporânea. Recuperando um conjunto inaudito de imagens, textos, depoimentos escritos ou visuais, projectos poéticos e/ou filosóficos, João Louro produz um conjunto de obras a um tempo sombrias e luminosas, em que contrapõe imagens, reflexões e figurações do teatro de guerra com registos visuais e sonoros das dissonâncias e desconstruções performativas dos dadaístas, contra-modelo colectivo político-poético erigido em reacção ao insano ardor beligerante.

A exposição, dividida em dois modos — *Figuratio*, no piso de baixo, e *Atmosphaerae*, no piso superior —, reúne desenho, pintura, escultura, fotografia, texto e documentação, organizando-os numa montagem que opera por aproximações e disjunções, rimas, ecos e fragmentos, semelhança, alteridade e estranheza.

Acolhe igualmente objectos de outro tempo e de outros lugares, de excepcional qualidade, que aqui simbolizam forças mágico-religiosas — um Cristo medieval, oriundo da colecção do Museu do Caramulo, e um conjunto de máscaras *Pende*, povo africano oriundo do Congo que figurava as doenças para as esconjurar, provenientes da colecção de arte africana de José de Guimarães. As máscaras *Pende*, muito próximas das figurações-deformações de Pablo Picasso ou de Francis Bacon, por exemplo, remetem por um lado para a forma como o projecto dadaísta se abriu à influência de outras culturas, nomeadamente e em grande medida a africana, e criam, por outro, uma perturbante aproximação aos rostos desfigurados em consequência da Primeira Guerra Mundial. A efígie de Cristo crucificado era uma presença frequente em altares improvisados, vizinha de trincheiras e latrinas, trazendo o possível conforto espiritual a homens que, de um lado e outro das barricadas e das ideologias, não vislumbravam outro horizonte que o do incomensurável sofrimento e da morte.

Religião, magia, poesia, simetria, informe, memória, são forças diversas que João Louro convoca para sondar e tornar imanente o sofrimento e a destruição e a forma como, ainda assim, a condição humana faz perdurar a vontade de não se extinguir.

Nuno Faria

João Louro  
*Ni le soleil ni la mort*

Curated by Nuno Faria

Pavilhão Branco  
2019

## Destroying Language, Exploding the Image

*We are digging a grave in the sky  
it is ample to lie there  
- Paul Celan*

The exhibition *Ni le soleil ni la mort* ['Neither the sun nor death', in French] is the inaugural presentation of a long process of investigation into the First World War, a defining moment of the destructive schizophrenia which seems to have since established itself as one of the main foundations of the contemporary world.

This project, which João Louro has developed slowly and meticulously over the past few years, marks a transformation in the artist's own creative process, breaking away from what we recognise as his authorial mark. Returning to the historical moment where the outbreak of the First World War and the avant-garde project coincide, like two sides or versions of the same story, the artist searches for the umbilical cord of our cultural heritage.

On 5 February 1916, *Cabaret Voltaire* was founded by a group of artists, poets, performers and political activists who came together under the strange, childish and primitive sounding alliteration-word DADA, giving rise to one of the most radical artistic and political ventures of all time, whose actions, as we know, would eventually transform artistic practice as we knew it. Indeed, DADA endures in our heads like a body that, defeating inertia, never stops swaying. Just like the surrealists, their direct successors, the Dadaists focussed more on the incantations of language than on variations in form or style — valuing ethics above aesthetics.

One of the most distinctive traits of DADA semantics was the way it destroyed conventional language — the same language which provoked the dissensions that led to the insanity of the war — through a collage of fragments, vocabularies, sounds and motifs from different places that results in a kind of primitive and original syncretism.

Freeing the impulses of the unconscious to recover the innocence of childhood and the pre-linguistic primitive origin of man was one way to neutralise the devastation of the humanist project born in Ancient Greece, and which saw, in the inconceivable slaughter and desolation of the muddy and entrenched camps, the beginning of the end.

Today, in a world whose proclaimed fate makes us look back to moments where collective insanity led humanity to the brink of the abyss, artists seem to have rediscovered the transformational and regenerative energy, strength and creative power of their Dadaist ancestors.

War is a strange and eccentric theme in contemporary art. Recovering an unprecedented set of images, texts, written and visual accounts and poetic and/or philosophical projects, the artist produces a set of simultaneously sombre and luminous works which he contrasts with images, reflections and representations of the theatre of war, visual and audio records of the performative dissonances and deconstructions of Dadaism, thus arriving at a political and poetic collective counter-model established in response to the insanity of the war.

The exhibition, divided into two parts — *Figuratio*, on the ground floor, and *Atmosphaerae*, on the first floor —, brings together drawing, painting, sculpture, photography, text and documentation. These two parts are organised in a montage that works in approximations and disjunctions, rhymes, echoes and fragments, similarity, alterity and strangeness.

Louro takes objects of exceptional quality from another time and other places, which here symbolise magical and religious forces — a medieval Christ, from the collection of the Caramulo Museum, and a set of masks made by the *Pende*, a group of Africans from the Congo, who created them for protection against diseases, from José de Guimarães' collection of African art.

The *Pende* masks, very similar to the representations and deformations of Pablo Picasso and Francis Bacon, for example, on the one hand recall how the Dadaist project was influenced by other cultures, specifically and to a large extent that of Africa, and, on the other, draw an unsettling parallel with faces disfigured by the war.

The effigy of Christ on the cross was often used in improvised altars, placed next to trenches and latrines, destined to bring spiritual comfort to men who, from each side of the barricades and ideologies, could see no horizon other than that of infinite suffering and death.

Religion, magic, poetry, symmetry, information and memory are the diverse forces that João Louro calls on to investigate. His work turns suffering and destruction immanent, while the human condition perpetuates its determination not to become extinct.

Nuno Faria



# João Louro



*J'ai tué #01-#7, 2016*  
Acrílico e grafite sobre papel / Acrylic and graphite on paper  
41 x 32 cm cada / each  
Única / Unique



# João Louro



*Casa de Deus*, 2019  
Madeira e metal / Wood and metal  
210 x 100 x 100 cm  
Única / Unique



# João Louro



*Cinzento Chumbo #08*, 2017  
Acrílico sobre impressão e papel / Acrylic on print and paper  
26 x 21 cm  
Única / Unique

*Storm of steel*, 2019  
Bronze  
80 x 40 x 20 cm cada / each  
Única / Unique



# João Louro



*O Nascimento do Moderno #1, #2, 2019*  
Acrílico sobre papel e fotografia impressa em papel vegetal / Acrylic on paper and photograph printed on tracing paper  
52,5 x 67 cm cada/ each  
Única / Unique

# João Louro



*Sudário #2, #7, #8, #1, 2016*  
Acrílico sobre tela cosida / Acrylic on sewed canvas  
56,5 x 40 cm cada/ each  
Única / Unique



# João Louro



*Ni le Soleil ni la Mort #01 - #10, 2016*  
Grafite sobre papel / Graphite on paper  
41 x 36,5 cm cada / each  
Única / Unique

# João Louro



*Blast #03, 2016*  
Acrílico sobre tela cosida e bordada / Acrylic on embroidered and sewed canvas  
104 x 83 cm  
Única / Unique

*Blast #21, 2019*  
Grafite sobre linho / Graphite on linnen  
200 x 300 cm  
Única / Unique





# João Louro



Cinzenito Chumbo #09, 2018  
Impressão sobre madeira e grafite / Print on wood and graphite  
26 x 21 cm  
Única / Unique

Tabela Periódica #01 - #03, 2019  
Tela e vinil / Canvas and vinyl  
114 x 146 cm cada / each  
Única / Unique



# João Louro



*Céu de letras #01-#4, 2019*  
Fotografia sobre papel vegetal impresso / Photograph printed on tracing paper  
42 x 29,5 cm cada / each  
Única / Unique



**João Louro**  
Lisboa, 1963

João Louro nasceu em Lisboa em 1963, onde vive e trabalha. Estudou arquitetura na Faculdade de Arquitetura de Lisboa e Pintura na Escola Ar.Co. O seu trabalho engloba pintura, escultura, fotografia e vídeo.

Descendente da arte minimal e conceptual, tem uma atenção especial às vanguardas do início do séc XX. O seu trabalho traça uma topografia do tempo, com referências pessoais mas, sobretudo, geracionais. Utiliza como fonte recorrente a linguagem, a palavra escrita, e procura fazer uma revisão da imagem na cultura contemporânea, a partir de um conjunto de representações e símbolos do universo visual coletivo. O minimalismo, o conceptualismo, a cultura pop, o estruturalismo e pós-estruturalismo, autores como Walter Benjamin, Guy Debord, Georges Bataille, Blanchot ou artistas como Donald Judd ou Duchamp, formam o léxico através do qual João Louro se exprime.

Foi o representante de Portugal na Bienal de Veneza de 2015, com a exposição *I Will Be Your Mirror | Poems and Problems*.



**João Louro**  
Lisbon, 1963

João Louro was born in 1963, in Lisbon, where he lives and works. He studied architecture at the University of Lisbon and painting at the Ar.Co School of Visual Art. João Louro's body of work encompasses painting, sculpture, photography and video.

João Louro's work descends from minimal and conceptual art, with special attention to avant-garde movements of the early twentieth century. It draws out a topography of time, with references that are personal but mainly they are generational. With regular recourse to language as a source, as well as the written word, he seeks a review of the image in contemporary culture, starting out from a set of representations and symbols from the collective visual universe. Minimalism, conceptualism, Pop culture, structuralism and post-structuralism, authors such as Walter Benjamin, Guy Debord, Georges Bataille and Blanchot as well as artists like Donald Judd and the ever-present Duchamp, form the reference lexical universe of the artist.

He was the portuguese representative at the Venice Biennale of 2015, with the exhibition *I Will Be Your Mirror | Poems and Problems*.

# GALERIA VERA CORTÊS